

O Universo Literário de José Saramago: entrevista com Antonio Augusto Nery

*Alisson Barboza Azevedo*¹

*Antonio Augusto Nery*²

 <https://orcid.org/0000-0001-7561-7804>

*Eguimar Felício Chaveiro*³

 <https://orcid.org/0000-0001-8608-2278>

*Valéria Cristina Pereira da Silva*⁴

 <http://orcid.org/0000-0002-3895-4059>

*Rodrigo Emidio Silva*⁵

 <https://orcid.org/0000-0002-5427-9014>

¹ Mestre pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Técnico judiciário do Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, alissonbazevedo@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, Professor Associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Membro Fundador da Cátedra Camões José Saramago - UFPR, gutonery@hotmail.com.

³ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), eguimar@hotmail.com.

⁴ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG) junto ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/ UFG), valeria_silva@ufg.br.

⁵ Mestre em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Professor da Secretaria Municipal de Goiânia (SME) e Secretaria Estadual de Goiás (SEDUCE), rodrigo.emidio02@gmail.com.

Entrevista

Alisson Azevedo. Hoje é dia 1º de julho de 2022 e estamos aqui na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Seção Goiânia, com o professor e pesquisador Antonio Augusto Nery. Quero agradecer a presença do professor Eguimar Chaveiro, da professora Valéria Cristina e dos colegas discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Rodrigo Emídio e João Staciari. Agradeço também ao professor Ricardo Jr. de Assis, que tanto contribuiu para a realização do *Colóquio Interpretações Literogeográficas e o Universo Literário de José Saramago*, ocorrido na Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Cora Coralina, e aqui na UFG, em Goiânia. Então, professor Antonio, obrigado por nos conceder esta entrevista.

Antonio Nery. Boa tarde, Alisson, boa tarde a todos os colegas que estão aqui, colegas que já considero amigos, por me receberem tão bem aqui na UFG e também na UEG. Estou realmente feliz e contente por poder continuar essa interlocução com vocês a partir desse autor que gosto muito e está sempre no meu foco de leituras, estudos e orientações.

Alisson Azevedo. Professor, antes de adentrarmos propriamente a obra de José Saramago (1922-2010), queria destacar Eça de Queirós (1845-1900), que o senhor estudou no mestrado e no doutorado no aspecto do anticlericalismo. Eça era um crítico da Igreja, pelo menos nas obras que li, como *Os Maias* (1888) e *A relíquia* (1887). Nesses livros, ele é enfático ao criticar a educação portuguesa, católica. Depois, José Saramago, já no século XX, escreve obras com críticas à Igreja, à religião. Essa escrita crítica, anticlerical, produzida por Saramago é um aprofundamento da tradição da Literatura Portuguesa? Tem a ver com a influência de Eça? É uma característica da Literatura Portuguesa, há um intertexto, um diálogo? Como o senhor avalia essa questão?

Antonio Nery. A ideia de crítica à instituição religiosa, propriamente quando se pensa na Igreja Católica, que é a instituição religiosa mais influente em Portugal, ainda nos dias de hoje, é algo que está presente na Literatura Portuguesa desde os seus primórdios. Vejam-se, por exemplo, os questionamentos dirigidos a religiosos nas cantigas medievais, sobretudo nas denominadas cantigas de escárnio e maldizer. É algo que teve seu início nas cantigas ou no que se convencionou chamar Trovadorismo e perpassa uma série de obras da Literatura Portuguesa, desde o período medieval até nossos dias. São críticas encontradas nas cantigas de escárnio e maldizer e nas obras de Luís de Camões (1524?-1580?), Gil Vicente (1465-1536), Padre António Vieira (1608-1697), só para ficarmos em alguns exemplos. No século XIX, entretanto, com a Geração de 70 e o Realismo, parece ter havido uma ampliação do escopo crítico do que vinha sendo praticado. Eça de Queirós contribuiu muito com esse “ponto de virada”, porque você não tem só a crítica voltada ao padre ou à freira, ao clero, à instituição religiosa, mas uma discussão sobre as figuras que até então não era constatável em textos literários, algo que, nesse sentido, está muito ligado ao que Saramago fez no século XX, colocando em discussão a própria figura de Jesus

Cristo. Emergiram também críticas a figuras importantes do imaginário cristão, como Maria e José, assim como questionamentos que extravasaram uma crítica ao clero, à figura da freira, do padre, do representante da Igreja Católica na sociedade. O voltar-se para a figura mais importante do Cristianismo, Jesus, fez o teor crítico aumentar um pouco mais. Então, o que Saramago fez é uma espécie de aproveitamento dessa cultura. Se formos ver a fundo, precisamos fazer um grande retrospecto até as primeiras expressões literárias em língua portuguesa. Há que se dizer também que, no século XX, muito autores se dedicaram a esse tipo de questionamento. A Geração d'Orpheu muito se empenhou nisso, sobretudo com a ideia de se concentrar na face humana dessas personagens, sobremaneira na face humana de Jesus. Lembro-me, por exemplo, do belíssimo Canto VIII de *O guardador de rebanhos* (1914), de Alberto Caeiro, no qual o eu lírico lida com a ideia de um Jesus menino que nada tem do Jesus miraculoso apresentado pela instituição religiosa. Não é mais nem é menos do que um Jesus humano, completamente humano.

Alisson Azevedo. Que foge do céu... (risos)

Antonio Nery. Isso, que foge do céu. Depois, temos outras representações; por exemplo, autores que são pouco conhecidos no Brasil, como é o caso de José Rodrigues Miguéis (1901-1980) e seu *O milagre segundo Salomé* (1975), obra publicada em dois volumes, que tem como pano de fundo o questionamento das aparições de Nossa Senhora em Fátima, em 1917. Também podemos citar Natália Correia (1923-1993) e suas obras, nas quais, vez ou outra, encontramos discussões acerca do quanto o imaginário religioso que o Catolicismo difundiu causou uma série de exclusões sociais, sobretudo com relação à mulher na sociedade portuguesa. E temos Saramago e outros que continuaram essa tradição. Na literatura contemporânea, Valter Hugo Mãe (1971) lida um pouco com isso, sobretudo em um de seus primeiros livros, chamado *O nosso reino* (2004); José Luiz Peixoto (1974-) revisita o fenômeno de Fátima, na obra *Em teu ventre* (2015). Em outras palavras, temas relacionados à religião e à religiosidade sempre estiveram/estão na Literatura Portuguesa, em maior ou menor grau. Então, o que Saramago fez foi revisitar isso de forma diferente, de forma muito potente.

Alisson Azevedo. Podemos chamar síntese? Ele sintetizou essa tradição e levou isso ao paroxismo em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), a ponto de, inclusive, ser um livro que causou muitas questões com a política interna de Portugal, com a Igreja – a Igreja o perseguiu e ele deixou de ganhar prêmios, saiu de Portugal. Mas poderíamos chamar síntese ou foi só outra virada – a primeira virada foi a de Eça e a segunda, de Saramago? Ou o senhor prefere não classificar as coisas assim?

Antonio Nery. Eu penso que estamos falando de uma continuidade, que é típica da literatura, consciente ou inconscientemente. Isso porque, pertencendo a uma cultura específica, no caso, a cultura portuguesa, esses autores, em diferentes épocas, lidaram com essas questões de forma diferente e com o instrumental que tinham. É curioso pensar que Eça, em 1887, publicou *A relíquia*, que é uma obra mais crítica com

relação a essas questões religiosas do que *O crime do padre Amaro*, publicada cerca de 15 anos antes – a primeira versão de *O crime de padre Amaro* é de 1875 e a final é de 1880. Por que Eça não foi perseguido, como Saramago foi? É muito interessante, pois, no caso de Eça, ele revisitou a figura de Jesus, propondo o mesmo questionamento de Saramago: e se Jesus fosse olhado muito mais pela sua condição humana do que pela sua condição divina? Em Eça, já havia, por exemplo, a insinuação de que Jesus e Madalena viviam um caso de amor; Saramago, entretanto, elevou o tom e propôs Madalena e Jesus vivendo, para além do caso de amor, um intenso relacionamento sexual. E mais, Madalena, no evangelho saramaguiano, constitui uma espécie de mestra para Jesus, ensinando-lhe questões humanas e divinas, ultrapassando, nesse sentido, Maria, José, Deus e Pastor. É preciso mencionar que, naquele contexto, Eça perdeu um prêmio literário por conta de *A relíquia*. Mas há uma questão que não pode ser esquecida: Eça, em *A relíquia*, em 1887, escreveu tudo como se fosse um sonho do protagonista. Temos toda uma narrativa de dois capítulos com um protagonista vivendo como um cafajeste, pois a única coisa que ele quer é ganhar a fortuna da tia, que é uma beata. Quando descobre que a tia vai deixar uma grande herança para a Igreja ou para um religioso, o que ele faz? Decide ser o melhor religioso aos olhos dela. Nesse momento, ele resolve viajar para Jerusalém para tentar conseguir uma relíquia para a tia e, então, ele sonha. É tudo muito explicado; é, afinal, uma obra de tendência realista. No sonho, o protagonista retorna aos momentos que antecedem a Paixão de Jesus e narra esses acontecimentos de forma bastante dessacralizada, bastante contrária à Bíblia e à tradição religiosa. Então, volta do sonho e tem a continuidade da narrativa. De toda forma, o ambiente onírico poderia justificar de alguma forma as interpelações mais incisivas sobre as críticas audaciosas ali contidas.

Em Saramago, não. O narrador de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* inicia sua história propondo que vai contar uma nova versão da vida de Jesus. Há também um contexto: quando Saramago publicou essa obra, já havia alguma controvérsia sobre seus escritos em alguns espaços de poder, incluindo a Igreja, visto a publicação de *Memorial do convento*, em 1982, com teor contrário à religião e à religiosidade. Então, quando da publicação de *O Evangelho...*, Saramago tinha a certeza de que estava em um contexto que não suportava a crítica, que não suportava nenhum tipo de discussão mais incisiva acerca de sua cultura. Por conseguinte, ele decidiu ir para as Ilhas Canárias, um território espanhol, onde viveu até a morte.

Alisson Azevedo. Deus e diabo, a religião, a fé e o ateísmo, agnosticismo ou anticlericalismo. Esse tema, que é um grande tema da literatura – não só da Literatura Portuguesa –, ainda faz sentido hoje ou em tempos de extrema-direita, de identitarismo? Como o senhor avalia esse tema, como alguém que lida com literatura e religião? No caso do Brasil, temos uma cultura evangélica muito forte, talvez com uma influência até maior em certo sentido do que a Igreja Católica. O senhor vê algum olhar da literatura para essa questão da cultura evangélica, com um grau de aprofundamento maior no país?

Antonio Nery. A discussão é extremamente atual e necessária, pois a ascensão de um pensamento conservador, bastante calcado em fundamentalismos religiosos, não só no nosso país, mas no mundo,

faz com que a literatura – e especialmente a literatura com temática religiosa – contribua com uma discussão no sentido de expor, explicitar esses fundamentalismos, demonstrando o quanto eles são nocivos para a sociedade, sobretudo para as sociedades que se dizem democráticas, laicas, de pensamento livre, mas nas quais nitidamente vemos que a religião vem se tornando um mecanismo de coerção, opressão e exclusão. No que se refere especificamente à literatura que eu chamo (anti)clerical e/ou (anti)religiosa, utilizando o prefixo “anti” entre parênteses, denotando uma concepção desconstrutivista, no sentido de as obras exporem tanto um visão positiva quanto negativa de questões voltadas ao campo religioso, no geral elas difundem um pensamento contrário a posturas religiosas nefastas para a sociedade, inclusive quando fazem apologia positiva a algum tipo de religião e religiosidade ou de religioso. Nesse sentido, lidam com concepções religiosas não fundamentalistas, valorizando uma religiosidade popular naturalmente sincrética e opositora a um pensamento ortodoxo e supremacista. Então, é muito interessante pensar nessas obras literárias como uma espécie de chamada de atenção para a nossa realidade, assim como fazem com vários outros temas e discussões. Elas colocam o indivíduo leitor numa condição de questionamento sobre a sociedade, sobre a realidade, sobre si mesmo e suas crenças, sobre supostas Verdades, que não só estão presentes nos discursos fundamentalistas religiosos, mas nos discursos de poder como um todo. Isso não está presente só na literatura de Portugal propriamente dita, mas na literatura em geral, sempre no esteio da ideia da arte que antecipa a vida. Volto a dizer: essa discussão presente nos textos literários é importantíssima, sobretudo quando se considera o crescimento de um fundamentalismo religioso em nosso país, que, de forma muito perigosa, está se vinculando a uma política representativa. Quando você vê a situação brasileira, um Congresso que detém uma “bancada evangélica”, que se coloca, a dois ou três meses da eleição, com um grande líder religioso pregando a ideia de que haverá e deve haver cerca de 30% do Parlamento vinculado a essa vertente, isso nos põe, no mínimo, em reflexão sobre para onde estamos indo. Esse tipo de discussão já está presente nessas obras com cunho religioso, nos alertando de quais são os perigos de um Estado não laico, no mínimo, ou de um mundo gerido por políticas fundamentalistas e um fundamentalismo de fundo religioso. São várias as obras literárias, volto a dizer, não só em língua portuguesa. No caso de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, sem dúvida, isso está posto de modo contundente, mas eu me lembro da autora canadense Margaret Atwood (1939-), de *O conto da aia* (1985), que traz justamente uma distopia de sociedade, projetando uma sociedade fundamentalista na contemporaneidade. De algum modo, ela coloca o leitor numa situação de alerta: e se fosse dessa maneira? Afinal, a realidade que temos agora vai levando para esse tipo de sociedade, que está numa ficção diatópica, mas que pode acontecer de fato. Eu acho que há uma discussão extremamente atual promovida nessas obras ficcionais com teor religioso.

Alisson Azevedo. Eu vou mudar de assunto agora, mas antes queria abrir para os demais colegas perguntarem.

Valéria Cristina da Silva. Eu gostaria de fazer uma pergunta sobre o que foi dito no começo sobre essa tradição da Literatura Portuguesa, quando você falou do Trovadorismo. Você enfatizou que o Trovadorismo, também chamado canção de gesta, deu origem ao nosso cordel. Poderia falar um pouco mais sobre isso?

Antonio Nery. O cordel brasileiro é um grande exemplo da literatura que lida com questões relacionadas à religião e à religiosidade. Aí entra um diálogo muito interessante e de que pouco se fala: o quanto a religiosidade popular de Portugal é importante para compreender essas questões em nosso cordel. Não estou falando aqui somente de uma religiosidade institucionalizada, quer dizer, do Catolicismo oficial, mas de um sincretismo religioso, que é português e que lida com o Catolicismo de forma sincrética, tendo, por exemplo, imagens distintas do que seria um santo, do que seria uma santa, do que seria Deus, do que seria o diabo, tal qual a instituição religiosa difunde oficialmente, tratando essas entidades de forma muito mais humanizada do que mitificadas. Isso chegou ao Brasil e, com a junção de expressões religiosas de matriz afro, se tem um imaginário religioso também sincrético, mas agora um sincretismo que não se limita ao Catolicismo. Por exemplo, não são poucos os cordéis que têm a representação da figura de um diabo bastante humanizado, que pode ser vencido, e próximo da ideia de um amigo ou um inimigo que temos no dia a dia, e não aquela imagem medieval do diabo com chifre e cheiro de enxofre. Outra imagem é de Maria, tida no cordel como uma mãe muito bondosa, com muitas características humanas que destoam da Maria evangélica: ela é poderosa no sentido de que, no geral, se for preciso, derrotará o diabo e o enfrentará de igual para igual, tal qual Deus. O cordel traz muito uso dessa religiosidade popular, sincrética, que tem uma raiz em Portugal e está presente nas expressões literárias daquele país. Ainda no que se refere a essa discussão, eu gostaria de aproveitar e falar de outro tipo de literatura que a Academia às vezes rejeita e que lida muito com essas questões religiosas, mas por outra vertente. Trata-se da Literatura Espírita, que é publicada e consumida de maneira avultante. Um caso icônico são os livros de Zíbia Gasparetto (1926-2018), que fez uma carreira literária com esse tipo de literatura. Em geral, a Academia não lida com esse tipo de literatura porque justamente ela não tem certos elementos que a fazem uma literatura ficcional propriamente dita, estruturada em termos verossimilhantes, por exemplo. Mas é inegável que é um tipo de literatura de ficção muito lido no espaço brasileiro e que “constrói” leitores e imaginários nesses leitores. É muito curioso pensar nisso!

Eguimar Chaveiro. Antonio, para contribuir, o nosso grupo está lendo agora o livro *Marxismo e crítica literária* (1976), de Terry Eagleton (1943-). Mas quero retomar José Saramago, que foi alguém que, como sabemos, elaborou uma crítica visceral ao capitalismo, e essa crítica não foi panfletária. Ele se entregou a essa causa crítica por inteiro em sua vida e obra. Ademais, estão imiscuídos na obra dele princípios como o de que a crença em Deus é contra a liberdade humana. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, isso está explícito. Fale desse autor crítico a essas instituições, como a religião e o capitalismo.

Antonio Nery. Saramago lidava com a imagem de Deus como um grande déspota. Ele subtraiu essa imagem do Antigo Testamento, ou seja, isso não é dele, por óbvio, mas está em uma tradição muito anterior a Saramago. De fato, é em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* que essa imagem está bastante evidenciada, mas não somente, vide a obra *Caim* (2009), a última publicada em vida pelo autor. Temos ali uma amplificação da imagem de Deus presente em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, ou seja, Deus é representado como um grande tirano, que só tem um objetivo: conseguir mais poder para conservar o poder que tem. Para isso, é capaz de absolutamente tudo, inclusive utilizar-se e servir-se do ser humano como uma simples peça em um tabuleiro de xadrez. Aquele diálogo que há em uma das cenas de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, entre Jesus, Deus e o diabo na barca, uma cena magnífica do livro, é muito simbólica para entender como Saramago lidava com Deus, que seria esse suprassumo, detentor de poder, completamente insensível e com um único objetivo: ter mais poder, independentemente do que for necessário para isso. Se for preciso matar, e matar muito, procederá dessa maneira, sem nenhuma reticência. Uma lista de nomes, de mártires, que o Cristianismo, o Catolicismo, sobretudo, tem como supostos defensores da fé cristã é citada no diálogo como exemplo dos que morreram pelos desejos controversos de Deus.

Rodrigo Emídio. Será que o Deus de Saramago é um Deus travestido de capital ou o capital travestido de Deus, ou seja, esse tirano que explora, que detém poder e quer aumentar seu poder, como uma grande faceta do capital?

Antonio Nery. Também, claro. O que fica evidente é que, para ele, o capital é um dos tipos de poder que um indivíduo pode deter sobre outro. Não é só propriamente o sistema econômico, mas penso que a discussão envolve também outros sistemas de poder, como o político. Abrange, por exemplo, a condição paternal ou maternal, como no caso da personagem José, de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*; alguém que tem ou domina o poder sobre as armas, como se constata na obra incompleta *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, publicada após a morte do escritor, em 2014. Independentemente do tipo de poder, é contra isso que a escrita de José Saramago está voltada.

Voltando à resposta anterior, talvez por isso possamos pensar que um grande exemplo de aversão ao poder em sua obra esteja nas representações da figura do Deus que a tradição nos apresenta, o Todo-Poderoso, com T maiúsculo, que concentra em Si absolutamente todo o poder possível, e não somente em termos de macropoder, mas também de micropoderes, para lembrarmos Michel Foucault (1926-1984), nos quais Deus ou seu significado/legado estariam presentes, intervindo na existência humana de modo ostensivo e nefasto.

Alisson Azevedo. Agora, se me permitem, mudarei de assunto. Saramago publicou, em 1986, *A jangada de pedra*. Essa publicação ocorreu no início das discussões sobre a Comunidade Europeia, que veio a se tornar o que conhecemos hoje. O fato é que ele combatia muito essa Comunidade Europeia. Então, o que é *A jangada de pedra*, só para sintetizar aqui para todos. Trata-se de uma narrativa no campo do

absurdo, no mínimo, sobre a separação da Península Ibérica (Espanha e Portugal) do restante da Europa, que vira uma ilha e vai parar em algum ponto próximo da América Latina e de África. E isso não por acaso, pois é uma identidade que ele reconhece muito mais próxima de África e América Latina do que do restante da Europa. Ele narra isso e, em muitos momentos, entra em questões geopolíticas. Como um autor muito presente, principalmente na cena internacional, ele dá muitas opiniões sobre geopolítica. O senhor acha que existe em Saramago uma questão geopolítica ou uma dimensão geográfica muito forte na obra dele nessa aproximação que tentamos fazer entre geografia e literatura ou isso seria um exagero?

Antonio Nery. Não tem nenhum exagero. Cada vez mais, tenho essa convicção, sobretudo, a partir do diálogo que temos traçado aqui nestes dois últimos dias em Goiás. Quando penso na obra desse autor, eu penso que a geografia é uma temática muito evidente. E poderia citar outras obras, mas continuarei com sua lembrança, *A jangada de pedra*. Nessa obra, há dois movimentos geográficos que considero muito evidentes na escrita de Saramago, sendo o primeiro uma geografia exterior ao indivíduo, própria do fato, de toda Península Ibérica se separando da Europa e se deslocando pelo Atlântico, que poderia ser estudado de maneira até cartográfica. Mas temos outra característica dessa jangada de pedra, dessa nau que se solta, que são os indivíduos dentro da nau, em busca de si e dos outros, num movimento de alteridade muito forte, muito presente, que vai se desenvolvendo à medida que a própria jangada navega. Os indivíduos estão ali passando por um exercício de alteridade e, ao mesmo tempo, de volta para si mesmos. Isso é algo muito saramaguiano e está na maioria de suas obras, ou seja, é inegável como o espaço, o exterior, se faz presente na transformação que as personagens estão vivenciando. Eles são personagens e narradores que estão o tempo todo voltando para o autoquestionamento do que são, do que podem ser e da diferença que podem fazer na sociedade na qual estão postos. É também muito evidente o processo de alteridade que esses indivíduos têm ao serem colocados na convivência com outras personagens de outros lugares, outros espaços, outras populações estranhas a eles, quer dizer, diferentes daqueles espaços, daquelas pessoas que os formaram como indivíduos. Saramago estava muito interessado nisso e em outro ponto, que tem a ver com esses indivíduos relidos naquele determinado contexto histórico, sociológico, psicológico e geográfico, no qual eles estão postos na forma como tradicionalmente foram traduzidos, na forma como foram lidos, de uma maneira muito tradicional, muito conservadora, bastante elitista por obras de cunho historiográfico, sociológico e geográfico; a literatura, por conta do estatuto da ficção, pode tranquilamente fazer essa releitura. Então, Saramago se serviu dessa liberdade e fazia geralmente uma releitura completa, sobretudo dando voz e vez para indivíduos que, na perspectiva tradicional das grandes narrativas oficiais, não tiveram voz e vez. Portanto, no que se refere à perspectiva geográfica, creio que leituras críticas da obra de Saramago a partir dos ferramentais teóricos e críticos da geografia, respeitando as especificidades da literatura, seriam muito bem-vindas, pois você teria outra entrada crítica para tentar extrair elementos que ele utilizou para construir a sua narrativa, explicitando, dessa forma, significados ainda não entrevistados.

Alisson Azevedo. Alguém quer acrescentar algo sobre a questão literogeográfica?

Valéria Cristina da Silva. Eu ainda estou lendo *A jangada de pedra*; comecei, mas tive curiosidade de ir lá um pouquinho para o final e abri numa página que chamou muito a minha atenção. Por exemplo, quando ele fala que tentaram socorrer os demais, mas os espanhóis outra vez foram ingratos, ele retoma a rivalidade entre Portugal e Espanha, que é histórica. Então, o quanto de cultura, de sentimento, está imerso ali? Eu não sei se quer comentar, mas, do pouco que eu li, consegui perceber algumas coisas nesse sentido de rivalidade histórica sintetizada nesse livro de Saramago.

Antonio Nery. Está tudo em causa. Ele faz muita chacota desses pensamentos enrijecidos portugueses, quer dizer, ele olhou justamente para essa cultura da qual fazia parte e pôs tudo isso em questionamento, em xeque. Por exemplo, em plena discussão de formação de uma União Europeia – que depois, de fato, se concretizou –, ele colocou em questionamento não só o que é um eu português, um eu espanhol, uma nacionalidade portuguesa, uma nacionalidade espanhola, mas também o que seria uma nacionalidade ou um eu europeu. A cultura europeia, a Europa unida que estamos vendo aí, o que, de fato, é? Veja o posicionamento da Europa com relação à guerra na Ucrânia. Então, realmente, o que é uma União Europeia? O que é ser realmente europeu? No caso específico de *A jangada de pedra*, o movimento que a jangada “Ibéria” faz, descendo o Atlântico, indo em direção ao sul global, não é em vão, mas pode ser pensado de muitas formas. Na verdade, a Literatura Portuguesa pós-Revolução dos Cravos (1974) de modo geral faz esse processo de revisão acerca do que Portugal foi como povo, como nação, como história, como colonizadores. Então, é muito complicado quando, ainda hoje, temos de ouvir “mas para que estudar Literatura Portuguesa, estudar literatura do colonizador?”. Do que se está falando exatamente? De uma Literatura Portuguesa produzida em qual período? Sob qual perspectiva? Sob qual visão de mundo do contexto em que foi produzida? E mesmo considerando todas as respostas para essas perguntas, as quais no mínimo devem levar à ponderação para avaliar o conteúdo literário que está em causa, é preciso sempre ter em mente que a literatura, a ficcional sobretudo, pode sempre estar sob o estatuto da ironia, por exemplo, mas para além disso, em geral, ela assume posição crítica, reflexiva, cética, questionadora, refletindo os fenômenos do passado, do presente, antecipando consequências do que pode ocorrer no futuro, projetando realidades. Por óbvio, você tem o que chamo uma “literatura de manutenção do sistema”, é inegável, quer dizer, sempre circulando, sendo divulgada, sendo publicada; há um tipo de literatura, de cultura, de valores artísticos que se coadunam com o sistema de poder vigente e esse sistema vigente, em geral, financia, difunde, ajuda a concretizar a circulação.

Alisson Azevedo. Alguém mais sobre a questão literogeográfica em Saramago? Bom, como ninguém se manifestou, vou fazer uma última pergunta de ordem mais geral: professor Antonio Nery, qual seria o seu mote para um convite para quem ainda não leu Saramago e qual seria uma porta de entrada para esse leitor? Estamos festejando o Centenário de Saramago e isso suscita uma presença muito forte da obra desse escritor. Revisitamos muita coisa, mas tem aquele leitor que ainda não começou a ler Saramago. Eu queria, então, que o senhor conversasse um pouco com esse leitor.

Antonio Nery. Eu sei que você gosta muito e sei que está fazendo um mestrado sobre esse texto de Saramago, que é *O conto da ilha desconhecida* (1997). Então, considero ele uma boa porta de entrada para Saramago. É um texto curto, muito objetivo, que tem um significado muito interessante, suscitando discussões que eu vou denominar saramaguianas. Há outros textos incontornáveis para conhecer Saramago, mas, no geral, primeiros leitores terão um impacto com uma questão pouco falada aqui ao longo destes dias, que é a escrita de José Saramago. Ele possui uma escrita muito peculiar. Por exemplo, *Memorial do convento* é uma boa sugestão, mas faço sempre a ressalva a primeiros leitores sobre os possíveis impactos que irão ocorrer durante a leitura com a forma como Saramago escreve essa narrativa, propondo uma grande conversa entre personagens, narrador e autor modelo, separando tudo só por letras maiúsculas ou ponto-final, mesclando discurso direto, indireto e indireto livre, sem ter o que concebemos como parágrafo tradicional ou falas marcadas por apostrofo ou travessão. É tudo uma massa de escrita e de diálogo, com narrador e personagem juntos, que faz com que o leitor possa sentir algum desconforto, o qual, claro, após superado, passará na medida em que a leitura flui. Outro livro que é muito significativo e poderia ser também uma porta de entrada, mas tem suas dificuldades, apesar de o contexto em que vivemos ajudar muito, é *Ensaio sobre a cegueira* (1995). O período da pandemia de Covid-19 foi muito impactante para todos nós e é exatamente esse o pano de fundo dessa narrativa. Trata-se de uma grande pandemia de cegueira branca, que não é somente uma pandemia física/biológica, mas também social, existencial, psicológica, cultural e um sem-número de significados. Por conta das características singulares de suas obras, alguns podem dizer que Saramago, tal qual outras autoras ou autores, é um tipo de escritor que se ama ou se odeia, mas eu não acho. Ele é um autor complexo e, dependendo da obra que se enfrenta inicialmente, pode haver algumas barreiras. Dentre os escritores brasileiros, João Guimarães Rosa (1908-1967), por exemplo, pode ser um caso equiparável. Alguém que inicie a leitura de seus textos direto com *Grande sertão: veredas* (1956) pode sentir dificuldades pelas particularidades desse texto, não somente no que se refere à linguagem, mas também ao conteúdo. Enfim, em textos de determinados escritores que têm a sua complexidade específica, é preciso relevar, sobretudo, a forma de escrita num primeiro momento para conseguir entrar na obra. Saramago também é um autor de muitos gêneros literários, que transita pela crônica, pelo teatro, e você pode começar por esses textos. É um autor que, no fim da vida, estava fazendo textos para *blog*, crônicas voltadas mais especificamente para o ambiente virtual. Enfim, como ele transitou por muitos gêneros textuais, isso permite que o leitor também escolha conhecê-lo a partir de um gênero que mais lhe agrade. Mas o que o consagrou foi a narrativa e, nesse aspecto, eu reforço a indicação de *O conto da ilha desconhecida* como um bom início.

Valéria Cristina da Silva. Bom, estou começado a ler José Saramago e eu não tinha nenhuma opinião formada. Dentre tantos autores, eu tomei pé dele por crítica. Na época da graduação, meus colegas de universidade da geografia crítica marxista liam José Saramago e viam ali uma identificação, principalmente em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Bem, estou iniciando a leitura, mas às vezes me

instiga muito saber um pouco mais de um leitor profundo de Saramago um pouco da vida dele. Quando estava em Portugal, em Lisboa, passei uma vez por uma casa que parecia ser um museu dedicado a ele; parei ali e fotografei. Parece-me que ele morou um tempo nas Ilhas Canárias. Gostaria que comentasse um pouco da vida dele, uma síntese, algo que sublinhe como um leitor atento e um pesquisador detido à obra desse escritor.

Antonio Nery. O que você deve ter fotografado em Lisboa foi a Casa dos Bicos, onde está alojada a Fundação José Saramago. Por conta de seus posicionamentos, sobretudo no campo político e ideológico, Saramago foi e ainda é considerado uma personalidade muito polêmica em Portugal. Isso sem falar em sua obra, igualmente crítica e reflexiva, que geralmente desperta amor ou ódio. A pergunta que sempre faço é: qual escritor que colocou ou coloca o “dedo na ferida” na história de um país e na realidade na qual vivemos não é considerado controverso/polêmico? Aí, no geral, quando alguns dizem que não gostam do escritor ou de algumas de suas obras, na verdade estão dizendo que não concordam com as proposições do escritor acerca do campo político ou ideológico. Não nego, obviamente, que nesse “gosto” há identificação com relação à forma da escrita de determinado escritor, conforme especifiquei na resposta anterior. Talvez, a mais famosa controvérsia que envolveu José Saramago ocorreu na altura da publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, em 1991. Tendo em vista as polêmicas em torno do livro, mas não somente, Saramago decidiu partir para a Ilha de Lanzarote, na Espanha, onde se estabeleceu definitivamente em 1993, até a sua morte, em 2010. A atribuição do prêmio Nobel, em 1998, pelo conjunto de sua obra, somente coroou a trajetória de um escritor já bastante reconhecido e fez com que sua obra ficasse mais conhecida, agora em escala global, conhecido e reconhecido também por sua história de vida, vindo de uma pequena vila portuguesa, de família humilde, serralheiro mecânico de formação, autodidata, que chegou aonde chegou. Nesse sentido, se formos investigar, haverá muitas questões biográficas que ressoam em sua obra, mas é preciso sempre lembrar o que para a teoria literária é ponto comum: é preciso separar a instância autoral e as projeções que esse autor faz em sua literatura. Isso mesmo para um autor como José Saramago, que muitas vezes se posicionou contra a separação entre o autor empírico e as projeções discursivas realizadas por um escritor. Agora, é inegável que Saramago teve um protagonismo político muito potente, nunca se negando a se posicionar sobre diversas questões. Lembro-me das suas várias participações nos fóruns sociais mundiais. E lembrando do mote desses encontros, podemos dizer que José Saramago foi sempre um indivíduo que defendeu a ideia de um outro mundo possível.

Alisson Azevedo. Alguém mais ou podemos caminhar para o encerramento? Então, quero agradecer muito ao professor Antonio Nery por esta entrevista e, em nome do grupo Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira), por toda a participação nestes dois dias de evento. Aprendemos muito, fizemos um diálogo muito rico e, certamente, o senhor contribuiu muito com a divulgação da obra de Saramago, mas também da obra em língua portuguesa, que eu sei ser um compromisso seu como pesquisador, como membro da Cátedra Camões. Quero agradecer também aos professores Eguimar e Ricardo; foi uma

oportunidade muito rica para a pesquisa que estou empreendendo sobre *O conto da ilha desconhecida*. Tive a felicidade de poder participar deste evento e ouvir todas as contribuições e posso dizer que cumprimos bem esta jornada.

Antonio Nery. Eu não me cansarei de agradecer a oportunidade de estar aqui com vocês. Alisson, que prazer conviver com você, conhecê-lo, saber de seu interesse pela literatura e por esse autor em particular. Espero que, de algum modo, eu tenha contribuído com sua pesquisa. Estou à disposição para continuar essa conversa saramaguiana com vocês. Agradeço muito ao Ricardo e ao Eguimar pelo convite e oportunidade de convivência. Que fantástico podermos, neste momento, voltar a ter a convivência presencial, que faz toda a diferença em nossas vidas. Espero que continuemos essa interlocução, em Goiânia, em Curitiba ou em qualquer outro lugar. Obrigado por estes dois dias aqui em Goiás, por eu ter podido participar das atividades do grupo Dona Alzira e por essa relação sensível e fraternal que conseguem construir. Muito obrigado!